



Fundamentação do Antigo Testamento

por Kevin D. Bradford

Esse conteúdo é parte do Curso de
Introdução à Missões da Editora Vida Nova.
Publicado com permissão.

Muitas vezes, uma apresentação da base bíblica das missões enfocará principalmente algumas passagens bastante conhecidas do Novo Testamento. Afinal, como alguns podem afirmar, o Antigo Testamento lida com Israel, e a Grande Comissão só foi dada depois da ressurreição de Jesus. Assim, estudantes da Bíblia que seguem esse raciocínio frequentemente afirmam que, embora as missões mundiais sejam importantes, não são mais do que muitas outras tarefas da igreja.

No entanto, é muito importante ver a base para a missão de Deus tanto na vida do próprio Jesus (a ser considerada no próximo capítulo) como no Antigo Testamento. Sem essa perspectiva mais ampla, as missões parecerão uma “novidade” nas coisas que Deus está fazendo no mundo. A apresentação que se segue retrata um Deus que não apenas criou o mundo e o governa soberanamente, mas também deseja um relacionamento com a humanidade. Desde as primeiras páginas da Bíblia, vemos Deus alcançando homens e mulheres, e depois chamando os que com ele se relacionam para servi-lo, alcançando ainda outros. As pessoas e grupos envolvidos variam, mas o padrão geral é muito parecido com o que vemos no Novo Testamento.

DEUS SE RELACIONA COM O SER HUMANO (GN 1—11)

“No princípio, Deus criou...” As palavras iniciais da Bíblia já nos informam sobre vários conceitos-chave que, infelizmente, são contestados por muitas pessoas hoje:

- A existência de um Deus poderoso e ativo é pressuposta como uma verdade autoevidente.
- O universo criado existe por causa de Deus, não como uma entidade independente e atemporal.
- Existe um propósito na criação de Deus — um plano que, presumivelmente, pode ser discernido por outros.

À medida que continuamos lendo, aprendemos sobre a simetria e a ordem da Criação de Deus. E somos informados repetidamente sobre as intenções benevolentes do nosso Criador, que dota a criação com bondade (cf. Gn 1.4,10,12,18,21,25).

Mas o relato da Criação de Gênesis 1 e 2 não apenas esclarece o caráter de Deus e nos diz como as coisas vieram à existência; ele também apresenta uma visão significativa da natureza do homem. Com palavras introdutórias que são dramaticamente diferentes das relacionadas à criação dos demais seres nos mares, no céu e na terra, homens e mulheres são criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26).

O significado preciso da “imagem de Deus” tem sido debatido pelos teólogos durante séculos. Mas não pode haver dúvida de que coloca a humanidade em uma posição privilegiada porque, após esse toque de coroação, Deus declara que tudo na criação é “muito bom” (Gn 1.31).

Ao mesmo tempo, é óbvio que a “imagem de Deus” torna a humanidade diferente dos animais, que são criados “segundo suas espécies” (Gn 1.21,24,25).

Podemos compartilhar características em comum com os animais, mas homens e mulheres são criados com algo que os torna semelhantes ao seu Criador. A atenção especial dada à criação do homem e da mulher em Gênesis 2 não deve, portanto, ser uma surpresa. O homem recebe um papel de supervisão no Jardim e, ainda mais importante, a oportunidade de dialogar e ter comunhão com o seu Criador.

A Queda da humanidade, como registrada em Gênesis 3, fornece outra peça do quebra-cabeça, essencial para entender por que as coisas são como são hoje. O mundo que vemos nem sempre revela a sabedoria do desígnio de Deus. Aqui na Terra frequentemente as coisas são daninhas e até perigosas. O amor de Deus ainda pode ser discernido, mas desonestidade, corrupção e hostilidade também nos cercam. Assim como Adão e Eva cederam à tentação de satisfazer os próprios desejos independentemente da vontade de Deus, essa experiência é compartilhada por todos os que vieram depois deles.

Entretanto, não basta simplesmente saber que esse não é o plano original de Deus. A vida da humanidade não é apenas difícil (Gn 3.15-19), mas sobretudo leva a um futuro separado dele. O julgamento de um Deus santo é certo. Ao invés da possibilidade de vida eterna com o Criador (cf. Gn 2.9; 3.22), a experiência da humanidade é a separação dele e a morte (cf. Gn 3-4).

Essa perspectiva sombria poderia levar o leitor ao desespero, mas também levanta uma questão: “Como nossa situação pode ser resolvida, se é que é possível resolvê-la?”. Felizmente, o mesmo capítulo que apresenta a Queda nos dá pelo menos duas pistas importantes de que existe uma solução.

A primeira pista é sugerida pela observação de que Deus ainda se aproximou do homem e da mulher mesmo depois de pecarem (Gn 3.8). E ele não apenas se aproximou, mas também tomou a iniciativa de procurar o homem, chamando: “Onde estás?” (Gn 3.9). Deixada por si mesma, a humanidade se afasta de Deus; mas o desejo de Deus de restabelecer o relacionamento com ela continua.

Em meio às consequências decretadas por Deus como resultado do pecado do casal, encontramos a segunda pista: a curiosa nota de que um descendente de Eva feriria mortalmente a serpente (Satanás), mesmo enquanto estivesse sendo ferido (Gn 3.15). Essa promessa obscura — também conhecida como protoevangelho — pode ter dado algum consolo ao primeiro casal, contudo entrou em foco séculos depois como uma referência profética à pessoa de Jesus. Ele nasceu de uma mulher, ou seja, participa de nossa humanidade, mas, ainda assim, foi capaz de superar a obra de Satanás por meio de sua crucificação e ressurreição. Mesmo no contexto de Gênesis, pode-se notar que Deus não foi pego de surpresa. Como um Criador soberano e amoroso, ele revelou a Adão e Eva que havia um plano para a reconciliação.

Outras facetas do plano de Deus são ainda sugeridas no longo relato do Dilúvio (Gn 6-9). A necessidade desesperada da humanidade é destacada nos versículos iniciais dessa seção (Gn 6.3,5-7,11-13). Apesar da clara advertência sobre a natureza dolorosa e as consequências iminentes de seus pecados, Deus também indica que o livramento do julgamento era possível, mas apenas para aqueles que se beneficiassem do método que ele mesmo providenciara (Gn 6.14ss.). Mais tarde, os cristãos novamente traçariam paralelos com Jesus, a “Arca” que Deus provê para toda a humanidade.

O papel de Noé na construção da arca também é instrutivo. Embora Deus fosse capaz de cuidar do assunto diretamente, Noé serve como um dos primeiros intermediários do Criador. E, ainda que Deus fosse o responsável final, por meio dos esforços de Noé outros encontrariam salvação, especificamente sete membros de sua família. O chamado daqueles que são fiéis a Deus para servir como intermediários na oferta de salvação aos outros será um padrão contínuo em todo o Antigo Testamento e no Novo.

*“A Bíblia não é a base das missões; missões são a base da Bíblia.”
— Ralph Winter*

Como nota final da seção inicial de Gênesis, o episódio da Torre de Babel nos lembra que os desafios para alcançar a humanidade com a oferta de salvação não são meramente espirituais. A rebelião e o orgulho dos construtores levaram ao castigo de Deus. Mas esse castigo, por sua vez, levou-os a obedecer, mesmo que com relutância, a uma determinação importante do plano original de Deus, isto é, a de que eles deviam se dispersar por toda a terra (Gn 1.28; 9.7; cf. 11.8,9). Somente espalhando-se o homem poderia governar e cuidar da terra. No entanto, este último movimento geográfico está relacionado com a multiplicação de idiomas e com os consequentes obstáculos na comunicação humana.

Embora as implicações desse desenvolvimento cultural não fiquem imediatamente evidentes, seu significado é, no entanto, destacado. A lista dos descendentes de Noé, encontrada no capítulo anterior, revela que eles se separaram em povos e nações (isto é, como consequência de Babel; cf. Gn 10.5,20,25,31,32). Apesar da complexidade aumentada da tarefa, Deus continuará a chamar seus servos para servir como intermediários e chegar a todos esses agrupamentos humanos com a mensagem da bênção e salvação de Deus. E as Escrituras posteriormente elaboram um tema central: Deus é mais glorificado quando uma diversidade de pessoas, de todos os grupos linguísticos e étnicos, invocam seu nome.

Russell P. Shedd, "Missões: a prioridade de Deus", in: Kevin D. Bradford; Ralph D. Winter, Steven C. Hawthorne, eds., *Perspectivas no movimento cristão mundial* (São Paulo: Vida Nova, 2009), cap. 2.

*"Devemos ser cristãos com uma visão global
porque nosso Deus é um Deus global."
— John Stott*

CHAMADO DE PESSOAS PARA SERVIR (GN 12—50)

O chamado de Abraão em Gênesis 12.1-3 constitui uma das principais passagens “missionárias” do Antigo Testamento. É fácil ver a importância dessa passagem, uma vez que introduz a história do patriarca e sua família, a qual será o foco ao longo de Gênesis, servindo como um fundamento para a história de Israel no resto do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, mais do que qualquer figura anterior, Abraão conecta a narrativa a Jesus Cristo, como revela a genealogia de Jesus em Mateus, que começa com o patriarca (Mt 1.1,2).

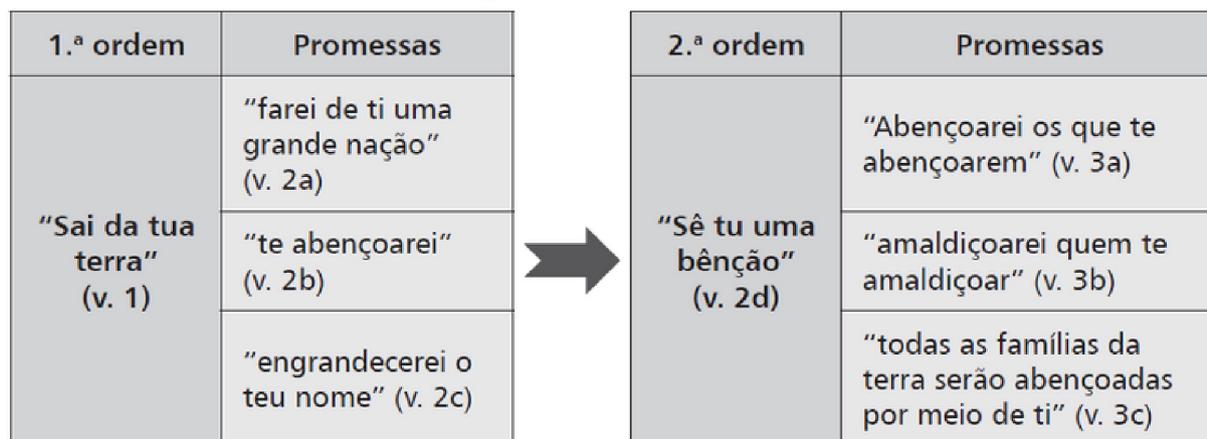
Os teólogos também observaram corretamente que Gênesis 12.1-3 nos prepara para a aliança abraâmica, que é formalizada apenas alguns capítulos depois (Gn 15). Nela, Deus deixa explícito seu amor e compromisso com esse homem e seus descendentes de uma forma que ecoará em vários outros momentos cruciais da Bíblia. Um pacto anterior entre Deus e os homens já fora introduzido. Depois do Dilúvio, Deus prometeu não julgar o mundo novamente dessa maneira (Gn 9.8-17). Mas o pacto com Abraão é diferente, porque foi feito com apenas uma família e porque as expectativas de Deus para essa família também são especificadas.

Duas ordens básicas são dadas a Abraão em seu chamado, sendo cada uma significativa para o desenvolvimento dos propósitos de Deus. Primeiro, Abraão é instruído a deixar sua terra natal de Ur (Gn 12.1).

Para pessoas de qualquer idade, seria uma tarefa difícil deixar para trás o que é familiar e seguro. Para Abraão, pode ter sido um desafio ainda maior, pois ele já contava 75 anos de idade e não havia indicação de que voltaria para sua terra natal. No entanto, para seu crédito, Abraão tinha fé em Deus e prontamente lhe obedeceu, mesmo sem compreender todas as implicações do comando recebido (cf. Hb 11.8). Ele cruzaria centenas de quilômetros e várias fronteiras culturais antes de chegar a Canaã. Mas, ao fazê-lo, Abraão demonstra a importância de priorizar os planos do Senhor.

A segunda ordem vem na segunda metade do chamado. Abraão deveria ser uma bênção para os outros (Gn 12.2b). Entre as duas ordens, Deus promete a Abraão bênçãos grandiosas. Mesmo com idade avançada e sem filhos, ele dará origem a uma grande nação por meio de seus descendentes. Além disso, seu nome, relativamente obscuro até aquele momento — apenas um cidadão de Ur —, se tornará conhecido e respeitado por pessoas de todo o mundo. Nos versos posteriores, Deus lhe faz promessas adicionais de proteção contra seus inimigos (Gn 12.3) e de uma terra específica para reivindicar (Gn 12.7). No entanto, por mais importantes que todas essas promessas tenham sido para Abraão, elas só podem ser corretamente entendidas à luz do propósito que Deus declara: Abraão será abençoado para ser uma bênção para os outros.

Diagrama: Gênesis 12.1-3



O princípio é fundamental para os que seguem o Senhor em todos os tempos. Deus é amoroso e gracioso para com seus filhos, muito além do que eles merecem. Mas a questão não é meramente desfrutarmos das bênçãos e darmos graças ao Senhor com esperança. As bênçãos que recebemos de Deus nos possibilitam ser uma bênção para os outros de maneiras que não seriam possíveis de outra forma. À medida que o processo continua, mais e mais pessoas têm o privilégio de obter vislumbres do caráter do Senhor único, verdadeiro e gracioso, para então se submeterem à vontade de Deus para suas vidas.

O objetivo e a abrangência do chamado de Abraão são altamente significativos: todas as famílias do mundo serão abençoadas por meio dele (Gn 12.3). À primeira vista, a ideia é quase absurda. Como poderia uma família (na verdade, apenas um casal naquele momento) ser uma bênção para todas as famílias do mundo? Mesmo em um período com uma população mundial muito menor, isso deve ter soado como uma hipérbole. No entanto, a ideia é repetida de novo e de novo no relato de Gênesis.

- Depois que Abraão passa no teste de oferecer seu filho de volta a Deus, ele é lembrado: "... todas as nações da terra serão abençoadas por meio da tua descendência, pois obedeceste à minha voz" (Gn 22.18).
- O filho de Abraão, Isaque, recebe o mesmo desafio: "... por meio da sua descendência todos os povos da terra serão abençoados" (Gn 26.4, NVI).
- Até mesmo a Jacó, neto de Abraão, é dito: "... todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti e da tua descendência" (Gn 28.14).

Em parte por causa das proporções envolvidas, alguns teólogos são rápidos em apontar para o descendente supremo de Abraão, Jesus Cristo, como Aquele que cumpre essas promessas (cf. Gn 49.10). Sem dúvida, a oferta da vida eterna por meio da morte e ressurreição de Jesus é a maior bênção possível, sendo disponibilizada para muito mais pessoas do que qualquer outra.

No entanto, é preciso fazer uma pausa antes de concluir que Abraão simplesmente descartou sua própria responsabilidade ao vislumbrar possibilidades futuras. Ele era um homem de grande fé, afinal de contas. Que homem de fé ouve uma ordem do Senhor e conclui que está tudo bem não fazer nada, desde que um de seus descendentes lhe obedeça?

Além disso, como a promessa a Jacó deixa claro (Gn 28.14), a bênção viria dele e da sua descendência. Em outras palavras, o assunto não seria resolvido por apenas uma pessoa, por maior que fosse. É claro que Abraão, Isaque e Jacó não foram capazes de abençoar pessoalmente todas as famílias da terra durante suas vidas. Contudo, Gênesis nos informa de muitas ocasiões em que eles procuraram abençoar as famílias com quem entraram em contato. Esse mesmo conceito está no centro do alcance missionário em todos os momentos.

Finalmente, pode-se notar que, sem dúvida, também houve muitas ocasiões em que Abraão e os outros patriarcas foram motivados mais por interesse próprio do que pelo desejo de abençoar os outros.

Contudo, isso é verdade em relação a todos nós. O desenrolar da história de suas vidas revela pessoas com bons e maus momentos, mas que, pouco a pouco, aprenderam a confiar em seu Deus e lhe obedecer. O mesmo pode ser dito sobre a nação que seria formada na escravidão no Egito.

John R. W. Stott, "O Deus vivo é um Deus missionário", in: *Perspectivas no movimento cristão mundial*, cap. 3.

FORMANDO UM REINO DE SACERDOTES (ÊXODO—DEUTERONÔMIO)

Os capítulos iniciais de Êxodo não apenas detalham o nascimento da nação de Israel, mas também colocam em paralelo a história de toda pessoa que se relaciona com Deus. Dessa forma, vemos que, à parte do Senhor, a humanidade vive no cativeiro do pecado, muitas vezes frustrada pelas exigências da vida cotidiana. Pode haver clamores ocasionais por ajuda, porém, em geral, com muito pouco conhecimento do verdadeiro Senhor.

Mas Deus, em sua misericórdia, frequentemente chamará e levantará um mensageiro que já tenha um relacionamento com ele e que possa apontar aos outros a direção que devem seguir. Apesar de várias dúvidas, esse caminho requer confiança no poder redentor do Senhor. O caminho em si é singular — fornecido pelo próprio Senhor (envolvendo o derramamento¹⁸ de sangue). Ao segui-lo, o fiel afasta-se do julgamento rumo à salvação e à liberdade.

Finalmente, salvação não é o mesmo que transformação completa.

Crescimento na fé é um processo, e lutas de um tipo ou de outro provavelmente continuarão por algum tempo.

Ao longo do caminho, o povo de Israel (e aquele que segue seus passos) poderia discernir que Deus tem um propósito mais amplo em sua salvação. De maneira alguma negando a importância do próprio relacionamento com o Senhor, seu plano é que aqueles a quem ele redime também sirvam de instrumentos para trazer salvação a outros. Uma das lições constantemente esquecidas do Êxodo é que, com a libertação, não só Israel foi salvo, mas também muitos outros, mesmo no próprio Egito, puderam entrar em um relacionamento com o único e verdadeiro Deus. Assim, vemos que:

- em reação às primeiras pragas, os conselheiros do faraó logo concluíram que o verdadeiro Deus estava em ação (Êx 8.19; cf. 10.7);
- alguns dos egípcios que possuíam rebanhos tiveram o cuidado de protegê-los de acordo com o aviso de Moisés (Êx 9.20,21);
- muitos egípcios começaram a ter os israelitas em alta consideração como resultado das ações de Deus (Êx 11.3; 12.36).

Não sabemos quantas dessas pessoas aproveitaram a oportunidade e tiveram um relacionamento real com o Deus de Moisés. Mas o relato nos diz que, quando Israel deixou o Egito, eles foram acompanhados por uma “grande multidão de estrangeiros de todo tipo” (Êx 12.38, NVI), o que provavelmente incluiu outros povos escravizados e, possivelmente, certo número de egípcios.

Mais tarde, as instruções para o povo incluíram várias referências ao “estrangeiro que estiver vivendo entre vós” (Êx 12.48,49; etc.).

No meio das pragas, Deus declarou que um dos seus objetivos era que seu nome fosse exaltado acima de todos os outros e glorificado em toda a terra (Êx 9.14,16). Mesmo antes de a nação chegar à Terra Prometida, ele já estava tomando providências para cumprir esse plano.

Após a libertação de Israel, Êxodo 19 serve como preâmbulo maravilhoso para a Lei, que é dada detalhadamente nos capítulos seguintes.

Nos versículos 5 e 6 desse capítulo, em um discurso dramático a Moisés no monte Sinai, Deus resume o que seria a essência da identidade da nação recém-formada. Três facetas complementares são mencionadas, cada uma das quais tem implicações importantes para a missão dos israelitas entre os outros povos. Israel era:

- um tesouro pessoal de Deus;
- um reino de sacerdotes;
- uma nação santa.

A conexão dessas descrições à missão pode ser resumida da seguinte forma:

(1) A existência de Israel serviria como um testemunho contínuo do poder de Deus. Não havia razões para um grupo de ex-escravos se tornar uma nação, exceto pela mão do Senhor. Eles eram o troféu de Deus em exibição para os outros povos verem. Eles serviriam como uma força centrípeta para atrair pessoas ao Senhor.

(2) Israel não existia no vácuo. Além das muitas nações vizinhas, pessoas de

diversas culturas passaram por suas terras. Como nação, Israel tinha um papel especial de servir como intermediário, para que outros também pudessem conhecer Deus (assim como um sacerdote pode servir de agente de Deus para o benefício do povo). Em outras palavras, os israelitas não eram apenas um troféu, mas um troféu colocado em um mostruário posicionado numa localização proeminente!

(3) O testemunho de Israel só seria eficaz uma vez que representasse verdadeiramente o caráter de Deus. Se agisse como as outras nações, seria possível concluir que algum outro deus era responsável por aquele povo. No entanto, por ser diferente dos outros povos e semelhante ao próprio Deus em sua santidade, a conexão com Yahweh seria evidente. Nos termos da analogia, Israel deveria se esforçar para ser um troféu polido no mostruário, não se permitindo perder o brilho ou ser tratado de maneira descuidada!

Grande parte da Lei lida com a última dessas preocupações. A menos que o povo fosse, de fato, santo e separado para o Senhor, seu testemunho para outras nações seria em vão. A necessidade de um relacionamento íntimo com o Senhor é mais claramente vista no imperativo: “Sereis santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19.1,2; cf. 11.44,45; 20.26; 21.8; etc.).

É importante notar que a santificação necessária não é meramente “do” mundo. A verdadeira santidade deve envolver a santificação “para” os propósitos de Deus. Como o ato de arrependimento em si, deve haver um “virar as costas” e um “virar para a frente” — os dois lados de uma mesma moeda. No caso de Êxodo 19, voltar-se para o Senhor em busca da santidade envolve também o servir como sacerdote diante daqueles que ainda não creem.

É importante observar que, quando lhe perguntaram sobre o maior mandamento da Lei, Jesus uniu esses dois conceitos (Mt 22.34-40). Não é suficiente “simplesmente” amar o Senhor seu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento (ou seja, ser santo como ele é santo). É preciso também amar o próximo como a si mesmo (cf. Lv 19.18). Em outras palavras, aqueles que buscam agradar a Deus com vidas santas devem procurar ao mesmo tempo mostrar o amor de Deus em seu serviço para com os outros. Ambas as facetas devem ser mantidas em mente quando se pensa nos esforços modernos da missão. Israel era uma nação formada por Deus com o propósito expresso de servir de bênção aos outros. Os israelitas desfrutaram do grande privilégio de ser o povo “escolhido” de Deus. Infelizmente, porém, muitas vezes não entenderam esse privilégio e agiram como se fossem pessoas “exclusivas” de Deus. Eles foram chamados para serem os primeiros na fila entre os muitos que Deus queria abençoar, com a oportunidade adicional e a obrigação de encorajar todas as famílias da terra a virem para o Senhor.



ISRAEL COMO UMA TESTEMUNHA (JOSUÉ—MALAQUIAS)

A discussão anterior leva à pergunta: O que Israel fez? Se Deus formou Israel como uma nação de sacerdotes, os abençoou excepcionalmente e os equipou de modo especial para servir como intermediários na Terra, a fim de trazer outras pessoas e nações para um relacionamento similar com ele, ao que tudo indica eles seriam loucos se não procurassem cumprir esse chamado.

No entanto, infelizmente, muitas vezes os israelitas agiram de forma tola. Pior ainda, muitas vezes demonstraram que eram uma nação de pecadores impenitentes. Seus reis e outros líderes com frequência estavam mais preocupados com a própria segurança, poder pessoal ou enriquecimento.

E o povo em geral seguiu o exemplo deles, fazendo o que parecia certo aos próprios olhos (Jz 21.25). Uma preocupação em viver como uma nação santa, cumprindo os propósitos de Deus, estava visivelmente ausente.

Contudo, antes de julgarmos Israel com demasiada severidade, devemos perguntar como nós estamos nos saindo como igreja. Afinal, agora temos a revelação completa de Deus e fomos abençoados por meio de Cristo, em um grau que os israelitas teriam dificuldade de compreender. Nosso chamado para ser uma bênção aos outros, por meio de evangelismo e boas obras, é ainda mais explícito. Porém, como cada cristão certamente sabe, nós não seguimos consistentemente o plano de Deus (cf. Rm 7.14-23). Apesar das advertências para não seguirmos o caminho dos israelitas (cf. Rm 15.4; 1Co 10.6,11), nós também, muitas vezes, escolhemos agir egoisticamente em desobediência a Deus e não abençoamos os outros.

Embora os fracassos de Israel sejam mais evidentes, há muitos indícios de que o propósito redentor de Deus para toda a humanidade ainda fazia parte da consciência nacional. Aqui e ali, alguns indivíduos se envolveram em iniciativas que pareciam ser registros ou lembretes de que o próprio Deus ainda estava executando seu plano. Apesar da longa sombra do pecado, ele ainda levantava servos fiéis que podiam servir como pontos de luz para os outros. Embora os fracassos de Israel sejam mais evidentes, há muitos indícios de que o propósito redentor de Deus para toda a humanidade ainda fazia parte da consciência nacional. Aqui e ali, alguns indivíduos se envolveram em iniciativas que pareciam ser registros ou lembretes de que o próprio Deus ainda estava executando seu plano. Apesar da longa sombra do pecado, ele ainda levantava servos fiéis que podiam servir como pontos de luz para os outros.¹

Por exemplo, imediatamente após a conclusão da Lei, os primeiros capítulos de Josué nos informam do impacto que Israel teve em Raabe. Mesmo antes de os espiões chegarem a sua casa, ela ouviu relatos dos milagres que Deus realizou em favor de seu povo (Js 2.8-11). Embora fosse uma estrangeira cananeia (e prostituta), Raabe entendeu que seria melhor para ela e sua família confiar no Deus de Israel (Js 2.12,13). Ela não só foi salva durante a conquista subsequente, mas também Deus, em um sinal de misericórdia e graça para com todos os gentios, incluiu-a entre os antepassados de Jesus (Mt 1.5).

A história de Rute é semelhante à de Raabe em muitos aspectos.

Mais uma vez, o foco está em uma pessoa cuja origem estava fora de Israel, nesse caso, em Moabe (Rt 1.4). Mais do que o testemunho coletivo da nação, o que conquistou Rute foi o testemunho individual de sua sogra, Noemi. Quando lhe foi dada a oportunidade de permanecer em sua terra natal, Rute confessou sua lealdade ao Deus de Israel (Rt 1.16). O resto da história revela a bondade de Deus para com essa estrangeira convertida, o que igualmente levou à sua inclusão na genealogia de Cristo (cf. Mt 1.5).

A Bíblia nos oferece apenas alguns detalhes sobre a visita que a rainha de Sabá fez ao rei Salomão. Segundo o que ela mesma lhe explicou, foram as notícias difundidas sobre sua sabedoria e riqueza que a levaram a fazer uma jornada de possivelmente 1.500 quilômetros (1Rs 10.6). Depois de sua audiência com o rei, ela confessou que somente o Deus de Salomão poderia tê-lo abençoado dessa maneira, bem como a nação de Israel (1Rs 10.9). A mesma passagem indica que o impacto positivo dessa bênção foi sentido entre pessoas de muitas outras terras (1Rs 10.24).

O testemunho de Israel não era meramente passivo, dependente de que os outros tomassem conhecimento dele e tirassem conclusões. Na ocasião, Deus deu instruções específicas para seus servos buscarem e abençoarem pessoas de outras terras.

¹Além das histórias destacadas nas Escrituras, há indícios de que mesmo Calebe, um dos dois espiões fiéis (Nm 14.24), descendia de família gentia (cf. Gn 15.19; Js 14.6,14). CursoVidaNova_

Por exemplo, apesar de um ministério frutífero na Palestina, o profeta Elias foi orientado pelo Senhor a ir a Sidom, um reino vizinho, que é hoje o país chamado Líbano. Lá, durante um período de vários anos, ele ministrou a uma viúva pobre e seu filho, não apenas suprimindo suas necessidades físicas, mas também levando-os ao conhecimento do verdadeiro Deus (1Rs 17.24).

Eliseu, o sucessor de Elias, teve uma experiência semelhante. Apesar do ceticismo do rei de Israel, o profeta lhe solicitou uma audiência com Naamã, a fim de demonstrar o poder de Deus para curar até mesmo a lepra (2Rs 5.8). Parte da tensão da história estava no fato de que Naamã era comandante do exército da Síria, que estava em guerra com Israel! No entanto, Eliseu foi usado para lhe trazer a cura, o que levou à surpreendente confissão de Naamã: "... em toda a terra não há Deus, a não ser em Israel..." (2Rs 5.15).

É instrutivo notar que cada uma dessas histórias de "testemunho ativo" foi citada por Jesus em um de seus primeiros sermões, em Nazaré (cf. Lc 4.25-27). Ele destacou a seus ouvintes que, embora houvesse muitas outras viúvas e leprosos em Israel, esses profetas foram guiados pelo Senhor para atender especificamente às necessidades dos que não eram israelitas. A implicação de que Deus estava trabalhando em outras culturas, e não apenas entre os judeus, não passou despercebida daqueles ouvintes (Lc 4.28-30).

O profeta Daniel fornece um dos exemplos mais dramáticos e poderosos de testemunho transcultural no Antigo e no Novo Testamento. Por ter sido levado para a Babilônia como um cativo (Dn 1.3-6), seu testemunho tanto pode ser considerado um testemunho ativo quanto passivo. Em várias ocasiões o nome de Deus foi exaltado por seu intermédio (p. ex., Dn 1.8-20; 2.16-47; 4.1-37; cf. 3.16-29), mas talvez a mais impressionante tenha sido em sua interação com Dario. Os babilônios invadiram Judá e levaram para o exílio Daniel, entre outros cativos (Dn 1.1-7). Mas, no ano 539 a.C., a Babilônia foi tomada pelos exércitos da Média-Pérsia, a qual se tornou, muito provavelmente, o reino mais poderoso da terra (Dn 5.31; 6.28). Assim como havia feito anteriormente com o rei Nabucodonosor, Daniel ganhou notoriedade por seu serviço excepcional e fiel. Então, por causa de sua libertação da cova dos leões, o rei Dario deu este maravilhoso testemunho: "Estou editando um decreto para que em todos os domínios do império os homens temam e reverenciem o Deus de Daniel. Pois ele é o Deus vivo e permanece para sempre; o seu reino não será destruído, o seu domínio jamais acabará" (Dn 6.26, NVI).

Embora muitos detalhes não sejam fornecidos, a libertação dos judeus por Deus, durante o tempo de Ester — cerca de uma geração depois de Daniel —, teve um efeito semelhante entre o povo da Pérsia. A história ainda hoje é celebrada pelos judeus em seu festival de Purim, mas não se

deve esquecer que, em várias ocasiões, o leitor é informado de que grandes multidões de persas, além de outras nações cativas, também decidiram seguir o Deus de Israel (Et 8.17; 9.2,27).

Além desses relatos narrativos de Deus chamando não israelitas para si mesmo, há várias outras indicações de que o chamado de Israel para ser uma testemunha às demais nações era consistentemente parte da consciência nacional. Entre os itens que podem ser mencionados, o ideal missionário pode ser claramente visto em:

(1) Instruções detalhadas sobre como os israelitas deviam lidar com estrangeiros residentes no meio deles (cf. Êx 12.48; 22.21; 23.9; Lv 17.8,9; 19.10,33; 23.22; 24.22; Nm 9.14; 15.14,26,29; 35.15; Dt 1.16; 10.18; 14.29; 24.14,17-21; 31.12). Nessas instruções, pelo menos duas implicações são claras: haveria muitas dessas pessoas e elas seriam atraídas ao Deus de Israel. Mais impressionantes ainda são as declarações explícitas de que esses estrangeiros eram amados por Deus e deveriam ser amados pelos israelitas (Dt 10.18,19; cf. Lv 19.34); e, se quisessem, deveriam ser incorporados ao povo de Deus (Dt 29.10-13; cf. Js 8.33-35).

(2) Na dedicação do templo em Jerusalém, o rei Salomão entendeu que essa magnífica estrutura seria uma atração para pessoas de todo o mundo. Ele orou para que o templo fosse usado para aproximá-las do Deus responsável por ele (cf. 1Rs 8.41-43,60).

É interessante que, no dia de Pentecostes, após a ressurreição de Jesus, pessoas de muitas nações diferentes estavam presentes (At 2.5-11; cf. 8.27).

(3) Muitas outras orações registradas no livro dos Salmos expressam um desejo semelhante de que o nome de Deus seja glorificado entre todas as nações. Por exemplo, o salmo 67, na sua totalidade, transmite uma ênfase missionária no clamor do salmista para que o povo de Deus seja abençoado, a fim de que “o temam todos os confins da terra” (v. 7; cf. Sl 9; 33; 47; 72; 83; 96; 98; 99; 100; 117; 148; etc.). Em outras ocasiões, o salmista não ora apenas, mas planeja envolver-se pessoalmente no anúncio, como expresso pelo desejo de Davi de cantar louvores ao Senhor “entre as nações” (Sl 18.49; cf. Sl 57.9-11; 108.3; 138; 145). Compare ênfases semelhantes nos salmos 8, 24, 46, 48, 87, 97 e 136, além de muitas outras seções.

(4) Os profetas, da mesma forma, proferem centenas de lembretes (ou desafios) para que o povo promova a glória de Deus em todas as terras. Somente entre as seções citadas pelos autores do Novo Testamento (além de muitas outras passagens), descobrimos que Joel fala de um dia em que o Espírito de Deus será derramado sobre “todas as pessoas”, incluindo os gentios (Jl 2.28-32; cf. At 2.17-21). Amós prediz o dia em que não somente Israel, mas também todas as outras nações virão ao Senhor (Am 9.11,12; cf. At 15.16-18).

As declarações de Oseias 1.10 e 2.23 servem como uma promessa de graça para pessoas que estão distantes do Senhor (cf. Rm 9.25,26; 1Pe 2.10). A visão profética de Daniel do “filho de homem”, que o próprio Jesus referiu com frequência, menciona especificamente “todos os povos, nações e línguas” que vêm ao Senhor (Dn 7.13,14; cf. Mt 24.30; 26.64; Ap 1.7,14; 14.14; etc.). Por si só, o livro de Isaías tem um número grande demais de referências de missões para serem mencionadas em um texto de um livro introdutório como este. Mas pode-se notar que, somente na Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo cita Isaías pelo menos meia dúzia de vezes para justificar o ministério mundial.²

Não obstante essa crescente lista de textos que demonstram o ideal mantido pelos líderes de Israel e não poucos exemplos de testemunho obediente, a nação em geral não promoveu a glória de Deus entre as demais nações como deveria. Em muitas ocasiões eles agiram etnocentricamente, desejando as bênçãos que Deus prometia, mas mostrando pouca consideração pelos povos ao redor. Embora se deva reconhecer que as necessidades de uma entidade política como Israel são diferentes das necessidades de uma organização puramente espiritual como a igreja, é fácil constatar que eles falharam com mais frequência do que tiveram êxito.

O cativo que encerrou o Antigo Testamento (cf. 2Cr 36.14-23) pode ser visto não apenas como punição pela idolatria blasfema dos israelitas, mas também como um desfecho irônico para um povo que não pensava em sua responsabilidade de revelar o Senhor para outras culturas. Contudo, apesar de suas ações, “o Senhor é grande até mesmo além das fronteiras de Israel” (Ml 1.5; cf. 1.11), e seu nome será exaltado.

David J. Bosch, “Testemunha para o mundo”, in: Perspectivas no movimento cristão mundial, cap. 7.

CONCLUSÃO

Para uma reflexão final nesta seção, é importante comentar o relato que muitas vezes é apresentado como a história mais missionária do Antigo Testamento, isto é, a de Jonas. Evidentemente, há nessa história muitos elementos relacionados a missões, a ponto de soar como um relato do livro de Atos: Deus chama especificamente um mensageiro para pregar a um povo distante e hostil que, caso não ouça o profeta, estará sujeito ao seu julgamento.

Quando a mensagem é finalmente entregue, um derramamento milagroso do Espírito provoca arrependimento generalizado, do estrato mais elevado ao mais baixo da sociedade (Jn 3.5).

2. Cf. Is 11.10, citado em Rm 15.12; Is 28.16, em Rm 9.33; Is 45.23, em Rm 14.11; Is 52.5, em Rm 2.24; Is 52.7, em Rm 10.15; Is 52.15, em Rm 15.21; Is 65.1, em Rm 10.20.

Mas essa história também nos fornece um verdadeiro “estudo de caso” da grandeza do poder e da misericórdia de Deus (cf. 1Tm 1.16). Os ninivitas não eram apenas um povo estrangeiro, mas também um povo conhecido por sua hostilidade e crueldade em relação aos demais. As tentativas de Jonas de ir a lugares cada vez mais distantes, a fim de fugir da incumbência do Senhor, são compreensíveis, porém nada menos do que cômicas. Ao mesmo tempo, a extrema persistência do Senhor em resgatar Jonas, mesmo contra sua vontade, é surpreendente. E a pregação do profeta relutante — certamente uma das mais curtas de toda a história (Jn 3.4) — traz não apenas reavivamento, mas também um despertar de escala e profundidade muito além de qualquer expectativa razoável (Jn 3.6-8)!

Em todos esses elementos, e ainda outros, a mensagem principal de Jonas é, de fato, sobre missões. Mas não é a história de um grande missionário, e sim de um grande Deus missionário, que procura salvar aqueles que parecem estar sem esperança. Nós não somos tão diferentes das pessoas de Nínive — nossos pecados dão motivos mais do que suficientes para um Deus justo nos condenar. No entanto, de forma misericordiosa e graciosa, esse Deus nos oferece uma oportunidade após a outra para nos reconciliarmos com ele por meio de seu Filho, Jesus Cristo.

Também não somos tão diferentes de Jonas. Demasiadas vezes pensamos pouco no chamado de Deus para nossa vida e seguimos nossos próprios impulsos. Apesar de nossa teimosia e preocupações mesquinhas, Deus frequentemente nos concede uma oportunidade após a outra de ainda servi-lo e render glória ao seu nome. Contudo, não devemos ser tentados a seguir o exemplo de Jonas e testar os limites da paciência divina. Em vez disso, podemos nos unir com confiança ao nosso Criador e Senhor no intuito de trazer outros povos a um relacionamento com ele, sabendo que Deus mesmo deseja isso mais do que podemos compreender.

*Johannes Verkuyl, “A base bíblica do mandato missionário mundial”
Perspectivas no movimento cristão mundial, cap. 8.*